

# ENTRE ERVAS E CHEIROS: UM ESTUDO DE SABERES MEDICINAIS DE MULHERES EM ASSENTAMENTO DE REFORMA AGRÁRIA

Thauana Paiva de Souza Gomes<sup>1</sup>, Daniel Tadeu do Amaral<sup>1</sup>,  
Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante<sup>1</sup>

**Resumo.** *O trabalho compartilha experiências de agroecologia através da extensão universitária do Núcleo de Estudos e Extensão em Agroecologia - NEEA e do Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural – NUPEDOR com atuação nos assentamentos da região de Araraquara/SP. O objetivo deste trabalho é mostrar como as atividades de recuperação e valorização do conhecimento sobre medicina tradicional e práticas agroecológicas de mulheres assentadas são fatores importantes para geração de trabalho e renda. Para levantamento dos saberes foram levantados junto às cooperadas da COOPAM de Motuca os usos e práticas das plantas medicinais e temperos cultivados, bem como o emprego de cada uma das culturas. Como resultados foram sistematizados os usos no controle de pragas e doenças na agricultura e passou-se a contar com a possibilidade de comercialização de produtos processados pelas mulheres sob a forma desidratada.*

**Abstract.** *The work shares experiences of agroecology through the university extension of the Nucleus of Studies and Extension in Agroecology - NEEA and of the Nucleus of Rural Research and Documentation - NUPEDOR with action in the settlements of the region of Araraquara / SP. The objective of this work is to show how the activities of recovery and valorization of knowledge about traditional medicine and agroecological practices of settled women are important factors for the generation of work and income. In order to gather knowledge, the uses and practices of medicinal plants and cultivated spices were used together with the cooperatives of COOPAM in Motuca, as well as the use of each crop. As a result, the uses for pest and disease control in agriculture were systematized and the possibility of commercialization of products processed by women in a dehydrated form was started.*

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta os resultados do esforço do NEEA - Núcleo de Estudos e Extensão em Agroecologia - NEEA, ligado ao Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural – NUPEDOR em contribuir para o avanço da pesquisa, extensão universitária e formação de quadros profissionais, em diferentes áreas e níveis de

---

<sup>1</sup>Programa de pós-graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente – Universidade de Araraquara (UNIARA), Araraquara – SP – Brasil

conhecimento, como resultado das ações de retorno social no meio rural, possibilitado pelo CNPq para estruturação de núcleos agroecológicos.

Vale destacar que nos projetos desenvolvidos pelo NUPEDOR sobre a questão de gênero foram identificadas relações diferenciadas entre homens e mulheres na produção, na gerência do lote, associações e cooperativas, além dos lugares de representatividade. A secundarização da figura feminina como algo naturalizado, especialmente em áreas rurais onde a violência de todos os tipos e a exclusão ocorre de maneira velada; A resistência da mulher explícita ou envolta em uma teia de invisibilidades que aparece na criatividade em resistir aos processos de dominação e nas formas de uso dos espaços em disputa. Ao analisar as práticas e os conhecimentos diários em relação ao meio ambiente e à sustentabilidade, percebe-se a resistência de mulheres na contramão de práticas convencionais de plantio impostos pela Revolução Verde e relações de uso capitalista da terra.

A força com que os processos de utilização dos agroquímicos chegam aos assentamentos, promovendo constrangimentos às formas tradicionais de uso da terra, leva os assentados a se distanciarem da relação anterior e quase simbiótica com o meio ambiente. Generaliza-se como se fosse única, a maneira “eficiente” como do pacote tecno-agroquímico composto por sementes melhoradas, mecanização, insumos químicos e biológicos, viabilizando a modernização agropecuária, aumentando a produção por meio da padronização em bases industriais. O discurso da produtividade e lucratividade, fazem os pequenos produtores a buscarem tal eficiência produtiva sem, no entanto, perceber o ônus que acarretará à vida. Vida aqui entendida com proporções ainda maiores do que apenas a saúde individual, mas a uma relação universal de efeitos tão abrangentes que afetam não unicamente o corpo humano, mas diferentes espécies, o clima e a própria relação da natureza com as culturas tradicionais e agrícolas.

A partir desta orientação, os saberes tradicionais e os conhecimentos adquiridos de forma geracional com o vivenciamento instintivo com a natureza, predominante nas atividades femininas, são substituídos por práticas artificializadas e sintéticas. Neste aspecto, o papel feminino no processo histórico é duplamente importante, primeiro por

ser, em grande medida, responsável pela permanência da resistência de práticas alternativas frente ao sistema da agricultura convencional, e segundo, por manterem vivos e repassarem um conhecimento sobre saúde, criação e meio ambiente mais sustentável para as novas gerações.

Muitas das práticas naturais que a ciência tem chamado de Agroecologia têm se conservado e têm sido praticadas em quintais, áreas da agrovila, pomares, sítios e hortas, nos quais a figura feminina prevalece como ponto central, de organização e cuidado destes espaços. Tais práticas foram levantadas em estudo das formas agroecológicas de cultivos realizados por mulheres durante uma pesquisa do NEEA, voltada à caracterização do perfil de assentados e assentadas e das formas de produção exercidas por ambos.

Este levantamento teve como objetivo avaliar as práticas agroecológicas nos assentamentos Bela Vista do Chibarro e Monte Alegre. Deste estudo surgiu uma demanda por parte das mulheres de um projeto de geração de trabalho e renda voltado especificamente para práticas femininas ligadas ao cultivo de ervas medicinais, temperos e cheiros.

Juntamente com este levantamento houve a procura por parte de uma Cooperativa do Assentamento Monte Alegre, a COOPAM, para fomentar o trabalho com as mulheres. Neste processo, iniciou-se uma parceria para constituição do projeto de produção agroecológica de ervas medicinais para o processamento e escoamento desses produtos.

A partir de então, constituiu-se um processo de levantamento de dados para a formalização da parceria entre a COOPAM e o NEEA/NUPEDOR. Foram realizadas visitas em todos os lotes das mulheres interessadas em participar do projeto; dos quais, foram realizados um perfil produtivo das ervas, formas de manejo e acervo visual, com o objetivo posterior de capacitá-las em formas de manejo agroecológico, colheita, processamento e embalagem.

## **METODOLOGIA**

Como metodologia de trabalho para execução do projeto, destaca-se o diagnóstico inicial de demandas realizado a partir de questionários, observação de campo e entrevista com 25 mulheres selecionadas como “potencialidades” pela COOPAM. Posteriormente, verificou-se articulação do grupo, autoseleção das mulheres para processamento e organização do trabalho.

Desta forma, a escolha dos participantes seguiu três caminhos: (1) assentados e assentadas presentes nos cursos de biofertilizante, nos quais foram aplicados questionários de maneira aleatória para analisar o grau de utilização de práticas tradicionais e/ou agroecológicas; (2) escolha de assentados e assentadas por indicação da comunidade que são considerados produtores diversificados com práticas agroecológicas, nos quais foram realizadas visitas aos lotes e registros em caderno de campo e; (3) mulheres que são consideradas também pelas comunidades utilizadoras de práticas medicinais tradicionais, com as quais fizemos entrevistas e registros em caderno de campo.

Além desse levantamento, foram realizadas uma pesquisa com 10 assentados e assentadas, sendo 5 do Assentamento Monte Alegre e 5 do Bela Vista do Chibarro. A escolha destes assentados se deu pela ligação com as atividades desenvolvidas ao longo da pesquisa e que apresentaram interesse em participar. O levantamento dos saberes foi realizado ao longo de 2 cursos de biofertilizantes, implementação de um SAF, visitas técnicas, idas a campo esporádicas para realização de etnografia dos lotes e coleta de dados. Em muitos casos, a observação dos lotes e as práticas dos assentados e assentadas serviam de caminho para a compreensão do constante processo de conflito existente entre os métodos utilizados, oriundos de casas agropecuárias, na assistência técnica, nos programas agrícolas, entre outros tantos, e as práticas tradicionais da organização da produção e/ou a diferenciação de práticas mais ou menos sustentáveis entre homens e mulheres.

Quadro 1. Cronograma de atividades

<b>Atividade</b>	<b>Descrição / objetivo</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>•Levantamento do perfil das mulheres;</li> <li>•Retorno às mulheres sobre o levantamento do perfil;</li> <li>•Visita aos órgãos responsáveis para encaminhamento do projeto na Vigilância Sanitária e na Secretaria de Saúde.</li> </ul>	<p><b>Finalização das entrevistas e visitas aos lotes.</b></p> <p><b>Processo organizativo da associação de mulheres.</b></p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>•Cursos de capacitação:               <ol style="list-style-type: none"> <li>1)Formas de manejo do solo;</li> <li>2)Formas de plantação agroecológica;</li> <li>3)Formas de colheita e processamento adequado das ervas;</li> <li>4)Prática e uso do maquinário;</li> <li>5)Formação de preço e boas práticas de venda</li> </ol> </li> </ul>	<p><b>Capacitar as mulheres para práticas corretas de cultivo e processamento, embalagem dos produtos.</b></p> <p><b>Especializações técnicas para venda dos produtos, embalagem e código de barra.</b></p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>•Escoamento da produção</li> </ul>	<p><b>Articulação com o grupo de mulheres para contato e venda dos produtos em varejões, restaurantes, lojas e farmácias.</b></p>

Fonte: Primeira autora (2016).

## **RESULTADOS**

No levantamento inicial, verificou-se a percepção dos assentados e assentadas participantes das atividades realizadas. O primeiro assunto destacado foi a trajetória, ponto considerado muito significativo quando se trata das relações apresentadas nas tabelas a seguir.

Tabela 1- Origem antes de vir para o assentamento

	<b>Número de entrevistados</b>	<b>%</b>
<b>Campo</b>	<b>7</b>	<b>70</b>
<b>Cidade</b>	<b>3 (com passagem pelo campo)</b>	<b>30</b>
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100</b>

Fonte: Primeira autora (2016)

Como pode-se verificar na Tabela 1, em sua maioria, os participantes da entrevista têm sua trajetória ligada quase que integralmente ao campo. O outro grupo, apesar de ter nascido na cidade, teve algum parente direto ou morou com a família algum tempo no campo antes de chegar ao assentamento. Outra informação relevante é em relação aos tipos de produção que indicam maior ou menor diversidade nos lotes pesquisados, conforme a tabela 2:

Tabela 2 - Tipo de produções a que se dedica

<b>Variedade de cultivo por lote</b>				
<b>Tipo de cultura</b>	<b>Quantidade de lotes com as culturas</b>	<b>Um tipo</b>	<b>Dois ou três tipos</b>	<b>Quatro ou mais tipos</b>
<b>Hortaliças</b>	<b>6</b>	-	-	<b>6</b>
<b>Legumes</b>	<b>9</b>	-	<b>3</b>	<b>6</b>
<b>Fruticultura</b>	<b>10</b>	-	-	<b>10</b>
<b>Ervas medicinais</b>	<b>8</b>	-	-	<b>8</b>
<b>Cana-de-açúcar</b>	<b>5</b>	<b>5</b>	-	-
<b>Grãos (feijão, milho e/ou soja)</b>	<b>3</b>	-	<b>3</b>	-
<b>Eucalipto</b>	<b>5</b>	<b>5</b>	-	-

Fonte: Primeira autora (2016)

A Tabela 2 é interessante da perspectiva da diversificação, da quantidade e dos tipos diferenciados de espécie dentro de uma mesma categoria, e sua relação com práticas mais sustentáveis. Analisando a tabela de maneira mais aprofundada, verifica-

se que quanto maior a variedade de culturas e espécies de uma categoria (fruta, hortaliça, etc.), maior é a quantidade de lotes que apresentam esta diversificação. Por outro lado, quanto menor é a variedade de espécies dentro de um tipo, menor é a quantidade de lotes com estas culturas. O que significa dizer que há uma maior diversificação dos lotes especialmente ligada às culturas de fruticultura, legumes, ervas medicinais e hortaliças. No outro conjunto, tem-se as culturas que exigem geralmente um maior uso de insumos químicos ou cana-de-açúcar, grãos, eucalipto e sementes transgênicas (GOMES, 2015).

Ainda sobre este aspecto, é importante salientar que a Tabela 3 mostra que ao considerar a quantidade dos lotes com cada cultura, foi possível verificar que no primeiro conjunto (hortaliças-6 lotes, legumes-9 lotes, fruticultura-10 lotes e ervas medicinais-8 lotes) cada item representa sempre mais da metade dos lotes participantes desta pesquisa (considerado que foram 10 entrevistados), concluindo-se que, se no segundo conjunto de culturas mais comerciais há 5 lotes produtores de cana, 5 de eucalipto e 3 com grãos, há diversidade presente na maior parte destes lotes. Fato este que se confirmou na escolha destes entrevistados durante a seleção inicial da pesquisa (GOMES, 2015).

Outro dado significativo a ser analisado para entender como as práticas de reeducação auxiliam na mudança de paradigma para uma produção mais sustentável, é justamente analisar como se desenvolve o cultivo e os cuidados com a produção. A Tabela 3 mostra como eles cuidam da produção.

Tabela 3 - Como é realizada produção?

<b>Tipo de produção</b>	<b>Sem veneno</b>	<b>Com veneno</b>	<b>Quais?</b>
<b>Hortaliças</b>	<b>7</b>	<b>2</b>	<b>Decis, Furadan, Amistar, Actara, Cabrio top, Roundap e outros que os assentados nem souberam dar os nomes.</b>
<b>Legumes</b>	<b>5</b>	<b>4</b>	
<b>Fruticultura</b>	<b>9</b>	<b>1</b>	
<b>Ervas medicinais</b>	<b>8</b>	<b>-</b>	
<b>Cana-de-açúcar</b>	<b>-</b>	<b>5</b>	
<b>Grãos</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	
<b>Eucalipto</b>	<b>-</b>	<b>5</b>	
<b>Total</b>	<b>30</b>	<b>20</b>	

Fonte: Primeira autora (2016)

Os dados são interessantes por demonstrar que dentro de um mesmo lote existem culturas em que há utilização de agrotóxicos, e outras onde não se utiliza veneno. Verifica-se a composição de práticas convencionais e tradicionais como reflexo de múltiplas influências nas práticas dos assentados, visto que, ao mesmo tempo em que há um lote com grande diversificação, como é o caso de um dos lotes no qual ocorreu o curso de capacitação no Monte Alegre, em outros, verifica-se o intenso uso de veneno por parte dos agricultores. No mesmo lote no qual encontra-se grande biodiversidade, o titular do lote ao ser questionado se praticava alguma receita agroecológica ou alguma produção sem veneno, respondeu: “nada é plantado sem veneno, não tem jeito, tudo tem que usar fungicida, inseticida (...) a única receita que uso é a receita do rótulo do veneno” (Entrevista, Sr. L.P., 2016).

Por outro lado, ao questionar outros assentados sobre a utilização de veneno e práticas agroecológicas, verificou-se respostas muito significativas como: “não utilizo nada de químico, meu veneno é minha vigilância e monitoramento com as plantinhas” (Entrevista, Sra. S.), e em outra fala: “nada, não utilizo nada de veneno, deixo a natureza agir” (Entrevista, Sra. M. de L., 2016). O que pode-se destacar ainda é que as mulheres sempre se preocupam mais com a não utilização de insumos químicos, devido ao fato de serem em grande medida cuidadoras da alimentação da família. Há que se



salientar ainda que mesmo dentro deste quadro de contradição, o que permanece é a relação da diversificação como indicada na Tabela 2 e 3, o menor uso de inseticida.

Ao examinar os dados da Tabela 3 e compará-los com a anterior, verifica-se que esta relação é extremamente relevante, dado que nas hortaliças, na fruticultura, nos legumes e nas ervas medicinais, a maior parte dos assentados declararam não usar nenhum tipo de veneno. Percebe-se novamente que as ervas medicinais representam essencialmente um espaço de atuação das mulheres no lote familiar; os dados mais uma vez demonstram o olhar cuidadoso das mulheres para práticas agroecológicas (GOMES, 2015).

Vale destacar que, mesmo frente à pressão dos valores e conceitos impostos pela agricultura convencional, o assentado e em especial a assentada expressam um caráter de resistência da perspectiva camponesa, que mesmo frente às pressões da modernidade, insistem em preservar valores, saberes e práticas sustentáveis. Neste cenário, é possível perceber uma convivência dialética entre os elementos discretos da agricultura convencional e da agricultura camponesa.

Ainda durante as entrevistas, coleta de dados, etnografia, levantou-se o questionamento junto aos assentados e assentadas sob o conhecimento deles em agroecologia. As respostas variaram entre não saber, não ter ouvido falar, ou ainda, conhecer o que é orgânico, o que para alguns é quase uma prática inalcançável, para todos os entraves que se colocam à produção deste tipo de alimento (Tabela 4).

Tabela 4 - Conhecimento da agroecologia

<b>Você sabe o que é agroecologia?</b>
<b>“Só entendo do rural, a vida inteira usando agrotóxico”</b>
<b>“Não sei não, nem nunca ouvi falar!”</b>
<b>“Eu sei o que é orgânico”</b>
<b>“Não sei o que é não” (Mas faz muitas práticas agroecológicas)</b>
<b>“Já ouvi falar o que é, mas não com este nome”</b>
<b>“Não, nem sei o que é”</b>
<b>“Nunca ouvi falar”</b>

Fonte: Própria autora (2016).

O interessante é que, apesar da fala expressar o não conhecimento sobre o que é a agroecologia, muitos deles em seus lotes e práticas diárias a realizam, práticas que se inserem claramente dentro da Agroecologia sem, no entanto, transferir este saber para o conceito. Os técnicos ou extensionistas tomam uma postura de desenvolvimento de agroecologia e pensam levar um saber desconhecido para os agricultores, contudo, com esta postura impositiva não estão efetivamente praticando a agroecologia. Este fato decorre pelo simples motivo da agroecologia considerar que na perspectiva da sustentabilidade e da racionalidade ambiental, as relações das comunidades tradicionais, indígenas ou camponesas com o meio são essenciais na conservação da natureza (LEFF, 2009, GOMES, 2015).

Um dado significativo neste processo é que há um número de mulheres titulares de lote que possuem uma organização produtiva diferenciada, seja quanto à forma de produzir sem agrotóxicos ou aos quintais altamente biodiversos, o que refletiu no inventário das mulheres de identificação das espécies de ervas medicinais reguladas quanto ao uso pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA. Além das ervas registradas pela agência identificou-se uma riqueza de outras ervas medicinais, aromáticas e de temperos produzidas consorciadas às outras espécies frutíferas ou hortaliças.

## **RESULTADOS**

Face ao perfil produtivo dos lotes das mulheres entrevistadas, foi possível verificar as ervas medicinais e suas formas de utilização. Das ervas levantadas, 40 delas foram identificadas nos lotes das entrevistadas. Foram ainda identificadas outras ervas, como temperos muito utilizadas popularmente para alimentação, cosméticos ou remédios, que são comercializadas em lojas especializadas.

Neste sentido, ao longo das atividades empreendidas, levantaram-se receitas e práticas utilizadas pelos assentados e assentadas, descritas e discutidas sob a ótica de seus usos científicos. Vale salientar que esta coleta se deu ao longo da regência do

projeto, mas se concentrou especialmente na análise do papel feminino no engajamento das práticas agroecológicas.

Sob tais aspectos, verificou-se a existência de práticas sustentáveis misturadas com práticas químicas que merecem cuidadosamente ser estudadas. Ao mesmo tempo, também identificamos práticas consideradas agroecológicas, como a diversificação dos canteiros com outras espécies de plantas como pimenta, alho, ervas medicinais ou outros. Estas últimas praticadas essencialmente por mulheres que na experenciação dos cuidados diários com as hortas, com os quintais e criação vão identificando possibilidades outras e alternativas.

Dentro das inúmeras possibilidades pontuadas sobre a associação da biodiversidade às produções destacaram-se dois usos que nos chamaram mais atenção. O primeiro deles é quanto aos lotes em que os entrevistados e entrevistadas declaravam não utilizar nenhum tipo de veneno, apenas técnicas de controle de pragas naturais como biofertilizantes e/ou ervas medicinais consorciadas nos canteiros de horta. Nestes lotes, além destas técnicas, a quantidade de biodiversidade, tanto na conservação das matas ciliares quando dentro do lote, foram superiores a todos os lotes visitados ao longo da pesquisa, e, um dado interessante a respeito deste item foi a observação da concentração de borboletas. Sob este ponto de vista, destacamos como um indicativo do equilíbrio do meio é justamente um conjunto de seres vivos, entre eles aranhas, formigas, besouros, pássaros entre outros, que ajudam na harmonização das condições ambientais. Fato que decorre do controle ambiental dos indivíduos e ainda porque servem como polinizadoras e inimigas naturais de alguns insetos e pragas. O segundo ponto em destaque é o uso das ervas medicinais como métodos antipragas, fungicidas e medicinais curativos e, entre as mulheres encontramos a grande fonte de conhecimento. Como trata-se de um conjunto de saberes ligados às ervas, destacaremos as análises em três grupos, o primeiro como práticas ligadas à produção, o segundo ligado à criação e o terceiro à saúde humana, todos estes de domínio fundamentalmente feminino. O conhecimento amplo de usos e técnicas ligados às ervas medicinais e ao embolado de espécies, considerados como estratégias de conservação do meio ambiente são práticas próprias das mulheres no seu dia-a-dia.

Dentre os dados levantados, salientamos que ainda foram citados mais de 35 tipos de ervas, optando-se em não as descrever aqui pelo fato de serem utilizadas. Verifica-se que a maior parte destas ervas estão regulamentadas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA, por meio da Resolução da Diretoria Colegiada - RDC Nº 10, de 9 de março de 2010, e são inclusive indicadas como medicamentos complementares aos alopáticos. Segundo esta resolução compreende-se por chá: “o produto que deve ser designado de ‘Chá’, seguido do nome comum da espécie vegetal utilizada, podendo ser acrescido do processo de obtenção e ou característica específica. Podem ser utilizadas denominações consagradas pelo uso” (ANVISA, 2010).

É possível verificar nesta análise que a todo o momento há resgate de sentimentos de permanência e resistência das práticas tradicionais, mesmo frente a ofensiva da agricultura convencional. Na medida em que os princípios da Revolução Verde avançam, encontram-se vários caminhos criativos de convivência para resgate de práticas tradicionais, ora ressignificadas pelas novas gerações, que dão o tom da permanência cultural e patrimonial ao grupo local. E sobre esta simbiose o assentado e assentada incorporam técnicas da agricultura convencional à tradicional, como resultado da realidade, das dificuldades, daquilo que eles têm disponível para resolver seus problemas de produção e, essencialmente de sua experiência vivida.

As mulheres assentadas, no entanto, representam um caminho através de seus conhecimentos sobre a diversidade e as alternativas para os não usos de agroquímicos que podem ser consideradas como um caminho para a transição para uma outra agricultura mais saudável. O conhecimento e os espaços de atuação destas mulheres, que historicamente foi considerado de menor valor econômico e social na sociedade capitalista masculinizada, sob a perspectiva da agroecologia e de uma vida mais sustentável passam a ser, como demonstrado nestes dados, um caminho possível para a ressignificação da agricultura convencional.

## REFERENCIAS

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Resolução RDC nº 10, de 9 de março de 2010.**

FERRANTE, V.L.S. RELATÓRIO TÉCNICO (2015-2016) **Pesquisa-ação e construção de proposta agroecológica para a agricultura familiar da região central do estado de São Paulo.** Chamada CNPq n. 39/2014. Araraquara, 2017.

GOMES, T. P. S. **O multiculturalismo, movimentos sociais e educação do campo.** 2015. In: JORNADA DE ESTUDOS EM ASSENTAMENTOS RURAIS, 8., 2015, Campinas. Anais...VII Jornada de Estudos em Assentamentos Rurais, UNICAMP, 2015.

GOMES, T. P. S. **De saberes não oficiais a lugares da patrimonialidade imaterial:** um estudo da transmissão de conhecimentos tradicionais em assentamento rural. Araraquara: UNESP, 2009. Originalmente apresentada como Dissertação de Mestrado em Educação Escolar, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2011.

GOMES, T. P. S.; FERRANTE, V. L. S. B. **Caravaninha pedagógica:** construindo um caminho para agroecologia na Escola EMF Hermínio Pagotto em Assentamento de Araraquara – SP. In: FÓRUM DE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E MEIO AMBIENTE DA UNIARA, 8, 2015, Araraquara. Anais... Araraquara 2015.

GOMES, T. P. S. **Do veneno às borboletas do campo:** estudo de saberes agroecológicos em assentamentos de Reforma Agrária. Originalmente apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso na FEAGRI, Universidade de Campinas, Araraquara, 2015

GOMES, T. P. S. **Do veneno às borboletas do campo:** estudo de saberes agroecológicos em assentamentos de Reforma Agrária. Retratos de Assentamentos v.2, nº16, 2016.

WHITAKER, D. C. A. **Vencendo preconceitos contra o rural.** Retratos de Assentamentos, v. 12, p. 80-97, 2009.